

A TESE DE VÍCTOR GUERRA — SOBRE A INTERSUBJETIVIDADE E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

VÍCTOR GUERRA'S THESIS — ON INTERSUBJECTIVITY
AND THE PROCESS OF BECOMING A SUBJECT

LA TESE DE VÍCTOR GUERRA — SOBRE LA INTERSUBJETIVIDAD
Y LOS PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN

Angela Flores Becker¹

Renata Chaves Serafini²

Tatiana Giron Cardon³

LIVRO: VIDA PSÍQUICA DO BEBÊ: A PARENTALIDADE E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

AUTOR: VÍCTOR GUERRA

SÃO PAULO: BLUCHER, 2022. 336 p.

Resumo: O livro “Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação”, de Víctor Guerra, é resultado de longos anos de estudos e experiência clínica com bebês. Nesta obra, o autor aprofunda conceitos psicanalíticos e apresenta suas próprias conceptualizações, além de uma ampla revisão bibliográfica de grande contribuição para o entendimento da metapsicologia da constituição do psiquismo, para os processos de subjetivação do sujeito e para a prática clínica psicanalítica com o bebê. São destacados os conceitos de intersubjetividade, ritmo, lei materna, objeto tutor e falso self motor e suas funções no processo de subjetivação — ilustrados na “grade de indicadores de intersubjetividade” desenvolvida por Guerra.

Palavras-chave: Intersubjetividade. Subjetivação. Psicanálise.

Abstract: Víctor Guerra's book "Psychic Life of the Baby: Parenting and the Processes of Subjectivation" is the result of many years of study and clinical experience with infants. In this work, the author delves into psychoanalytic concepts and presents his own conceptualizations, as well as a comprehensive bibliographical review that contributes significantly to understanding the metapsychology of the constitution of the psyche, the processes of subjectivation, and psychoanalytic clinical practice with infants. The concepts of intersubjectivity, rhythm, maternal law, tutor object, and false motor self are highlighted, as well as their functions in the process of subjectivation — illustrated in Guerra's "intersubjectivity indicator grid".

Keywords: Intersubjectivity. Subjectivation. Psychoanalysis.

¹ Psicóloga, psicanalista em formação na Sigmund Freud Associação Psicanalítica, membro da Sociedade de Psicologia do RS, coordenadora do Comitê O psiquismo do bebê — um olhar psicanalítico, da SPRGS. ORCID: 0009-0007-1456-8368. E-mail: afbecker5044@gmail.com

² Psicóloga, sócia graduada do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP), membro da Sociedade de Psicologia do RS, coordenadora do Comitê O psiquismo do bebê — um olhar psicanalítico, da SPRGS. ORCID: 0009-0005-6291-032X. E-mail: re_serafini@yahoo.com.br

³ Psicóloga, especialista (CFP), psicoterapeuta (ITIPOA), psicanalista (CEP de PA), membro do Comitê O psiquismo do bebê — um olhar psicanalítico, da SPRGS. ORCID: 0009-0000-7468-4757. E-mail: tagica@hotmail.com

Resumen: El libro de Víctor Guerra, "Vida Psíquica del Bebé: Crianza y los Procesos de Subjetivación", es el resultado de muchos años de estudio y experiencia clínica con bebés. En esta obra, el autor profundiza en los conceptos psicoanalíticos y presenta sus propias conceptualizaciones, así como una exhaustiva revisión bibliográfica que contribuye significativamente a la comprensión de la metapsicología de la constitución de la psique, los procesos de subjetivación y la práctica clínica psicoanalítica con bebés. Se destacan los conceptos de intersubjetividad, ritmo, ley materna, objeto tutor y falso yo motor, así como sus funciones en el proceso de subjetivación, ilustrados en la "cuadrícula indicadora de intersubjetividad" de Guerra.

Palabras clave: Intersubjetividad. Subjetivación. Psicoanálisis.

O livro “Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação” é um estudo aprofundado sobre os inícios da vida psíquica humana. Nele, o psicanalista Víctor Guerra (falecido em 2017) analisa o encontro intersubjetivo entre o bebê e seu cuidador primordial, a partir de seu trabalho em escola de educação infantil e na clínica.

Nesta obra, publicada postumamente como resultado de sua tese de doutorado, os leitores são apresentados com uma revisão da literatura como um passeio por diversos psicanalistas que estudaram — e ainda estudam — os processos de subjetivação do sujeito. Em seus estudos, percorreu por autores como René Spitz, Melanie Klein, Anna Freud, Donald Winnicott, Esther Bick, dentre outros, que se dedicaram ao estudo do psiquismo do bebê, através da observação e do acompanhamento clínico.

Guerra fazia dialogar diferentes teorias com o objetivo de alcançar um olhar ampliado a partir das complexas experiências humanas primordiais. Amante das artes como a poesia, a música e a literatura, utilizou amplamente a criação artística para ilustrar os tempos arcaicos da vida psíquica.

Neste livro, o autor nos apresenta o conceito de intersubjetividade de forma sensível e profunda, compreendendo-o como um diálogo entre a subjetividade nascente e incipiente do bebê e a subjetividade já constituída daqueles que assumem seus primeiros cuidados (apud Filme: *Indicadores de Intersubjetividad 0 a 12 meses. Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos*, 2014). Ele também destaca o conceito de ritmo como uma função essencial para o desenvolvimento da vida psíquica, dedicando a esse tema uma parte significativa de sua construção teórica. Olhou com interesse para os objetos inanimados do ambiente e se perguntou qual seria o papel destes objetos nos processos de simbolização. O conceito “objeto tutor”, elaborado pelo autor, evidencia a importância dos objetos no processo de separação, oferecendo subsídios valiosos para refletirmos sobre a constituição do psiquismo através da interludicidade, ampliando possibilidades no trabalho clínico com bebês. Assim, esta obra se revela como o resultado de um trabalho refinado, sustentado por um olhar atento e sensível, que nos convida a pensar a constituição psíquica na contemporaneidade.

Guerra (2022) analisa o lugar do bebê na cultura e destaca que ele necessita essencialmente do outro para constituir-se como sujeito. É no encontro com o cuidador que se estrutura sua subjetividade, processo que gradualmente o prepara para a separação e a independência. O autor retoma a ideia de Winnicott de que o bebê sozinho não existe e complementa que a mãe sozinha também não existe, evidenciando a natureza relacional da constituição psíquica. Nesse contexto, o vínculo estabelecido entre mãe, pai ou cuidador e bebê é permeado por encontros e desencontros, gratificações e frustrações.

A partir do conceito de intersubjetividade, compreende-se a construção da vida psíquica do bebê como um processo que se inicia nos primeiros momentos de vida. Guerra (2022) retoma C. Trevarthen (2003) ao referir que este conceito corresponde a “[...] uma

potencialidade primária, uma condição do encontro humano, a partir da qual o bebê, desde o início da vida, tem a potencialidade de interagir com o outro e de ter graus de consciência da separação” (Trevarthen, 2003, apud Guerra, 2022, p. 40).

Conforme mencionado anteriormente, o autor ressalta a função essencial do ritmo no desenvolvimento emocional primitivo, entendendo-o como um canal de comunicação não verbal entre mãe e bebê. O ritmo manifesta-se nos sons corporais e na entonação das palavras dirigidas ao bebê, compondo a “melodia do encontro” que sustenta a constituição subjetiva (Guerra, 2022). Mãe e bebê irão *cocriar* um ritmo comum: trata-se de um ritmo compartilhado em construção que, conforme o autor, ajudaria o bebê a organizar progressivamente o fluxo de sensações às quais estaria exposto interna e externamente.

Guerra destaca o conceito da lei materna a partir de Roussillon (1991) e nos apresenta a “lei materna do encontro”, que se estrutura no respeito ao ritmo próprio do bebê, construído através de uma sintonia rítmica. Segue afirmando que é um princípio organizador da vida afetiva e que, quando o encontro inicial não se dá de forma empática, nos leva a pensar que a sintomatologia do bebê pode estar relacionada com as diferentes formas de disritmia.

Com base na observação de bebês e em sua vasta experiência clínica e institucional, Guerra (2022) elaborou uma grade de indicadores de intersubjetividade dos 0 aos 12 meses, que denominou “do encontro de olhares ao prazer de brincar juntos”, a fim de conceituar o papel do outro no processo de subjetivação do bebê. O autor acrescenta que este material potente para pensar o processo de subjetivação poderia ter valor diagnóstico, trazendo importantes contribuições para o trabalho clínico com os bebês. Os conceitos — intersubjetividade, ritmo, *interludicidade*, dentre outros — que o autor explora ao longo de toda a obra se apresentam intimamente relacionados de forma didática e dinâmica neste material.

Na sequência, Guerra traz a importância dos objetos no processo de simbolização. Ele entende que o mundo do bebê é povoado por objetos que o acompanham. A partir deste entendimento, conceitualiza como *objeto tutor* aqueles objetos que fazem parte do ambiente do bebê. Guerra percebeu, em suas observações, que, a partir da intencionalidade do bebê, o cuidador atento apresenta o objeto desejado, muitas vezes de forma lúdica, criando uma *interludicidade*. A *narratividade* presente na brincadeira a dois pela disponibilidade lúdica do cuidador libidinizava o objeto inanimado. Estes objetos são plurais e variáveis e passam a ter um investimento especial, representando encontros prazerosos entre a mãe/pai/cuidador-bebê. Desta forma, o adulto e o bebê *cocriam* uma experiência emocional comum, resultando num encontro impregnado de histórias *cocriadas* e *conarradas* pela dupla. São objetos-testemunha destes encontros, guardam em si a memória do encontro.

Os objetos tutores fazem a função de objeto terceiro, o que permite ao bebê separar-se da mãe e avançar na sua autonomia, auxiliando no processo de separação. Simbolizam a mãe e podem proporcionar uma experiência de cuidado na ausência dos pais, desde que já tenha sido investido pela dupla de forma lúdica. Para o autor, “tal objeto surge do encontro intersubjetivo do bebê com sua mãe (ou cuidadora) e que é ao mesmo tempo um objeto tanto de união como de separação” (p.189). Ele se diferencia do objeto transicional de Winnicott: este último é um objeto único e escolhido pelo bebê, com a função de elaborar a angústia de separação.

Por este viés de compreensão, que valoriza os fatores ambientais, afetivos e intersubjetivos, o autor chama a atenção para o aumento dos diagnósticos considerados disfuncionais na infância, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Ele questiona tanto a eficácia quanto os excessos da prática diagnóstica e da medicalização, propondo uma reflexão sobre novas formas de articular os aspectos constitucionais da criança com as dificuldades presentes na relação intersubjetiva entre pais e filhos, sem, contudo, desconsiderar a relevância dos fatores genéticos e neuroendócrinos.

O sintoma contemporâneo do excesso de movimento é entendido como uma moeda com duas faces: uma diz respeito ao mundo interno da criança e a outra, à dinâmica familiar. Entender a importância do sintoma e o que está sendo comunicado por ele parece ser o caminho para buscar alguma compreensão. Em muitos casos, a criança que precisa repetidamente “chamar a atenção” está, na realidade, reclamando uma falta de atenção afetiva. Isso nos remete ao papel do olhar materno e a importância de uma conexão afetiva capaz de conter e decodificar as ansiedades do bebê. Muitas vezes, a agitação surge como uma forma de descarga da excitação que o bebê não consegue metabolizar.

Guerra também revisita os conceitos de verdadeiro e falso *self*, de Winnicott, para propor uma relação entre o falso *self* intelectual e o que ele chamou de “falso *self* motor” (p. 208). Nestes casos, o movimento parece tomar a função de sustentação do *self*. Uma aparente autonomia excessiva, sem angústia de separação, mostra que “o movimento substitui a reivindicação do ‘outro’ e o corpo se torna fonte de descarga da excitação, com uma passagem precária ao representacional” (p. 218).

Winnicott já dizia que o essencial é a mais simples de todas as experiências: o sentimento de unidade compartilhado entre o bebê e sua mãe, que são duas pessoas separadas. Somente a partir daí é que poderia surgir o sentimento de ser.

A inquietude exacerbada da criança, que leva à necessidade de colocação de limites por parte do adulto, revela a busca, muitas vezes desesperada, de limites para seu *self*, uma tentativa de encontrar continente para a sensação de transbordamento.

Nessa compreensão, o autor questiona “as modalidades de presença”, visto que ocorreram muitas transformações de parentalidade e vínculos nos últimos tempos. Analisa tais modificações atuais segundo quatro vertentes: mudanças na construção identitária; reconfiguração do público e do privado; tempo e espaço: a aceleração, o investimento do presente e o culto à urgência e às tiranias da visibilidade, e a primazia do sensorial, que geram o risco da disritmia na subjetivação.

A partir do percorrido feito ao longo do livro, no último capítulo, o autor se dedica ao aprofundamento da escuta sensorial e estética nos transtornos de subjetivação arcaica. Nele, o autor retoma o conceito de atenção flutuante e destaca a importância do “afrouxamento das censuras e de uma possível porosidade com o processo primário” (p. 262) para que o psicanalista seja capaz de imaginar e escutar o que é dito pelo paciente não apenas em palavras, mas também em gestos, no olhar, na respiração e no corpo.

Nesse contexto, Guerra discorre ainda sobre o conceito de capacidade negativa, compreendido como a disposição do analista em não resistir ao que emerge do outro e em permitir-se sentir, sem defesas, aquilo que pode inicialmente parecer incerto, desordenado ou ilógico. Para Guerra, essa abertura amplia a receptividade do analista, favorecendo uma escuta mais sensível e profunda do sujeito.

Essa capacidade de escuta que vai além das palavras e se abre ao inesperado é, segundo o autor, fundamental na compreensão de crianças e de seus pais. Guerra (2022) enfatiza a importância não apenas do que se manifesta pela criança, mas também do olhar e da escuta atentos ao “ambiente subjetivante” em que ela está inserida.

Ao longo de toda a obra, evidencia-se o olhar sensível de Víctor Guerra sobre os processos de subjetivação do bebê, sempre pensados a partir da dinâmica da intersubjetividade. Essa construção apoia-se em um ritmo singular entre o bebê e seus cuidadores, sustentado pela presença de trocas afetivas. O vir-a-ser do bebê é constituído pela cocriação de um ritmo comum, em uma narrativa afetiva compartilhada, desde que o adulto cuidador se mantenha disponível. Com uma escrita atual e atenta às questões contemporâneas, o autor alerta para os riscos da patologização e da medicalização excessiva, especialmente quando ocorrem rupturas nesse processo de subjetivação na contemporaneidade.

Os sete capítulos do livro, comentados nesta resenha, apresentam aspectos complexos e profundamente interligados sob o enfoque da intersubjetividade. Trata-se de uma contribuição inestimável de Víctor Guerra ao campo da psicanálise do bebê.

REFERÊNCIAS

GUERRA, Víctor. *Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação*. São Paulo: Blucher, 2022.

GUERRA, V. *Indicadores de intersubjetividad 0-12 m*. Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos. Documentário (Asociación Psicoanalítica del Uruguay), 2014.

WINNICOTT, Donald. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1975.

ROUSSILLON, René. *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1991.

TREVARTHEN, C., & Aitken, K. J. Intersubjectivité chez le nourrisson: recherche, théorie et application clinique. *Devenir*, 15(4), 309-428, 2003.